ágora estudos clássicos em debate | 28.1 | 2026

RECEBIDO: 31.01.2025
ACEITE: 10.10.2025
DOI: https://doi.org/10.34624/agora.1.43497

A ESTRANHEZA DE UM SIMPLES MEDICINAL: O USO DE PÓ DE MÚMIA NO TRATADO GINECOLÓGICO DE RODRIGO DE CASTRO

The Strangeness of a Medical Simple: the Use of Mummy Powder in Rodrigo de Castro's Gynecological Treatise

Telmo Corujo dos Reis

Universidade da Madeira, Portugal
Centro de Estudos Clássicos da Fac. de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal
telmo.reis@staff.uma.pt
ORCID: 0000-0001-9346-6034

Resumo: No imaginário coletivo, a palavra "múmia" suscita um sentimento que oscila entre o fascínio e a repulsa, visto tratar-se, para todos os efeitos, de um cadáver preservado. Por esta razão, é com alguma surpresa que, na segunda parte do tratado ginecológico de Rodrigo de Castro, se verifica a presença de um simples sob a designação latina de *mumia*.
O presente artigo ocupa-se deste tema, principiando pela identificação da origem da palavra "múmia" e seguindo a sua evolução semântica, até chegar ao significado mais corrente na atualidade. Com recurso às informações veiculadas por dois comentadores quinhentistas de Dioscórides, Amato Lusitano e Andrés de Laguna, procura estabelecer-se o seu significado em textos de medicina pré-modernos, bem como verificar as razões que sustentavam o seu uso para fins medicinais e as principais virtudes que lhe eram atribuídas.
Poder-se-á fazer, então, o levantamento dos passos em que Rodrigo de Castro menciona este simples no *De uniuersa muliebrium morborum medicina (Pars secunda, siue Praxis)* e verificar os fins para que era utilizado, enquadrando-os no que era, afinal, a prática geral do seu tempo.
Uma última parte equaciona as principais razões que levaram a que este simples deixasse de ser utilizado para fins medicinais.

Palavras-chave: Rodrigo de Castro; múmia; pez asfáltico; Amato Lusitano; Andrés de Laguna.

Abstract: In the collective imagination, the word "mummy" evokes a feeling oscillating between fascination and repulsion, since it designates, for all purposes, a preserved corpse. For this reason, it is not without surprise that, in the second part of Rodrigo de Castro's gynecological treatise, a simple occurs under the Latin designation of *mumia*.

This article deals with this topic, starting with the identification of the origin of the word "mummy" and tracking its semantic evolution, up to its most current meaning today. Using information provided by two 16th century commentators on Dioscorides, Amato Lusitano and Andrés de Laguna, it seeks to establish its triple meaning in pre-modern medical texts, as well as to verify the reasons that supported its use for medical purposes and the main virtues attributed to it.
It will then be possible to survey the occurrences of this simple in the *De uniuersa muliebrium morborum medicina (Pars secunda, siue Praxis)*, by Rodrigo de Castro, and verify the purposes for which it was used, according to what was, after all, the general practice of his time.
A final part equates the main reasons that led to this simple no longer being used for medicinal purposes.

Keywords: Rodericus a Castro; mummy; asphaltic pitch; Amatus Lusitanus; Andrés de Laguna.

Entre os inumeráveis simples utilizados na preparação das receitas medicinais que Rodrigo de Castro descreve no volume *De uniuersa muliebrium morborum medicina* (*Pars secunda, siue Praxis*), poucos serão mais estranhos, aos olhos de um leitor moderno, do que aquele que ocorre sob a designação latina de *mumia*. Com efeito, a palavra "múmia" suscita, no imaginário coletivo, um sentimento que oscila entre o fascínio e a repulsa, visto tratar-se, para todos os efeitos, de um cadáver, um corpo morto, cujos tecidos moles se preservaram. Na atualidade, um latinista, experiente, mas desprevenido, desconfiará instantaneamente desta palavra, concluindo que, seja qual for o significado que se oculta por detrás dela, *mumia* não pode ser e não se pode traduzir por "múmia"[1]. As questões que se colocam são, portanto, como se deverá traduzir a palavra latina *mumia* e, por outro lado, o que é que ela significa exatamente.

A etimologia da palavra portuguesa "múmia" parece não levantar problemas. José Pedro Machado[2] afirma que provém do árabe *mumiia* (ou *mumia*), palavra, por sua vez, derivada de *mum*, um vocábulo de origem persa, com o significado inicial de "cera". Acrescenta que a mais antiga forma portuguesa era *mómia*, abonada na seguinte ocorrência, datada de 1504: "Em estes desertos nõ sabe se aproveitar da gete seca morte na área em *momja* como no Egypto"[3]. Anteriormente, no séc. XV, registava-se a ocorrência de *muminha* e, no séc. XIV, *mominha* e *maminha*.

Por outro lado, Bento Pereira, na sua *Prosodia in Vocabularium Bilingue*, *Latinum et Lusitanum Digesta*, registou a palavra latina *mumia*, *-ae*, na seguinte entrada, devidamente marcada com o asterisco que assinala as palavras de origem não irrepreensível: "*Mumia, ae, f. g. *Carne humana embalsamada; item o balsamo*;

[1] Tal foi o caso de Firmino Crespo, na sua tradução das *Centúrias de Curas Medicinais* de Amato Lusitano. Com efeito, no "Glossário das Sete Centúrias de Curas Medicinais de Amato Lusitano", encontra-se a seguinte entrada: "*Mumia*, munia (VI, 9) - ?", cf. Amato Lusitano (2010) 465.

[2] Machado (2003) 181.

[3] *Idem, ibidem*.

item humor seminalis. I.l.*L Phil*."[4]. O primeiro sentido que o lexicógrafo regista, a "*Carne humana embalsamada*", está muito próximo do que hoje atribuímos a esta palavra. Mais ambíguo é o segundo significado, porquanto as palavras "*o balsamo*", neste contexto, dão a entender que se tratava da substância (ou substâncias) com que a mesma carne humana era preservada.

Atualmente, em português, a palavra "múmia" designa primeiramente, para todos os efeitos, um corpo morto cujos tecidos moles, deliberada ou acidentalmente, se preservaram. Esta definição é desenvolvida por D. Fernando de Almeida, no artigo que o mesmo consagrou ao tema, na *Verbo — Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, de onde convém destacar, neste ponto, as seguintes informações:

> *Múmia – Arqueologia. Cadáver humano ou de animal, que foi submetido a tratamento próprio para sua conservação; ou, em casos raros, que se mantém incorrupto sem ter sofrido qualquer interferência. As mais antigas múmias conhecidas são as que foram preparadas por embalsamamento pelos Egípcios já desde a 1.ª ou 2.ª dinastia (3197-2778). O processo, em que entrava o natrão, foi sucessivamente melhorado. Na 5.ª dinastia (2563-2423) passaram a extrair as vísceras, excepto o coração e os rins. No Médio Império (2160?-1580) começou o uso de resina, para conservação; mas só no Novo Império (1580-1090) a técnica usada atingiu a perfeição de que tem dado provas, ao serem introduzidas mirra, canela e outras essências asiáticas nas cavidades esvaziadas. Esta prática, para conservação, supunha a crença na passagem do morto para uma vida eterna: o corpo mumificado manteria assim o aspecto de vivo, o que era ajudado por uma máscara pintada e colocada sobre a face*[5].

Ora, se o "o balsamo" de Bento Pereira era a substância (ou substâncias) com que os corpos eram preservados, pode verificar-se, a partir destas informações, que as mesmas compreendiam, no caso das múmias egípcias, "resina" e ainda "mirra, canela e outras essências asiáticas". A "múmia" seria, pois, "Carne humana embalsamada", isto é, impregnada de bálsamos. Quanto ao "natrão" (carbonato de sódio, bicarbonato de sódio, sal e sulfato de sódio), trata-se de um sal natural, encontrado em várias regiões do Egito, utilizado para secar os corpos desidratando as células e combatendo as bactérias.

Para esclarecer o sentido atribuído à palavra "múmia", em textos de medicina pré-modernos, é ainda necessário recorrer a textos coevos que expliquem o significado desta palavra, e não àqueles que apenas a referem, como é o caso de Rodrigo de Castro. Ora, no contexto português, são especialmente elucidativas as palavras de Amato Lusitano, no início da *enarratio* 90, do livro I, das *In Dioscoridis*

[4] Pereira (1741) 608.

[5] Almeida (1972) 1543.

Anazarbei De Medica Materia Libros Quinque Enarrationes Eruditissimae, consagrada ao pez asfáltico[6], a começar, desde logo, no próprio título.

Sobre o pez asfáltico

Em grego, *pissásphaltos*; em latim, *pissasphaltus*, *bitumen Apolloniae*, *pici betumen*, *Arabum mumia*; em castelhano, *pex betume mineral*, *cera de minera*; em italiano, *pece betume da minera*[7].

Segue-se o texto da *enarratio*:

> *Que a múmia dos Árabes é, na verdade, o pez asfáltico de Dioscórides indica-o Serapião, fiel discípulo de Dioscórides [...]. Embora as suas palavras se leiam truncadas e corrompidas, este defeito, como dissemos, deve ser atribuído ao tradutor, mas não a um erro de Serapião, o qual, como sabeis, por mumia entende o pez asfáltico, tanto o natural como o artificial. Sabia, com efeito, Serapião, não como Estrabão declarou e alguns acreditaram, que os Mouros embalsamavam os seus mortos com asfalto, isto é, apenas com betume judaico, mas de preferência com asfalto a que fora acrescentado pez, sobretudo quando não tinham pez asfáltico natural, isto é, a múmia deles, tal como aquela múmia mais nobre, embalsamamento dos mortos, que eles preparavam a partir de especiarias do mais alto valor, como bálsamo, aloés, mirra e açafrão. Mas como dificilmente podiam obter esta, já que os que eram embalsamados ou preparados com ela eram ricos e fidalgos e eram sepultados em locais inacessíveis, tomaram os médicos da estirpe dos Mouros, em lugar dela, para uso medicinal, extrair esta múmia, chamada pez asfáltico, porque com extrema facilidade a obtinham a partir dos cadáveres dos homens da mais baixa condição. Mais tarde, porém, os traficantes das boticas, ambiciosos em extremo e ávidos de lucro, não satisfeitos apenas com os bálsamos dos mortos, trouxeram para as boticas, sem qualquer réstia de vergonha, as carnes dos próprios: as pernas, os braços, as cabeças, até mesmo corpos inteiros. Mister é, por conseguinte, que sejam punidos e condenados a pena cruel, como malfeitores e escarnecedores do verdadeiro Deus, aqueles que, de seguida, tiverem nas suas lojas corpos de mortos do mesmo modo que substâncias apropriadas à saúde do homem. No entanto, hão de ter o cuidado de tomar aqueles bálsamos, especiarias, de corpos mortos sepultados durante longo tempo nos seus féretros, visto que a múmia é principalmente esta. Se, no entanto, não for possível ter esta, pelo menos o pez asfáltico verdadeiro e natural, ou extraído dos cadáveres. Sejam solícitos em tê-la, já que muito aproveita à arte médica*[8].

[6] Registe-se que a obra de Dioscórides, objeto dos comentários de Amato Lusitano e Andrés de Laguna, não faz qualquer referência ao que hoje se compreende sob designação de "múmia". Os comentários dos autores ibéricos reportam-se ao capítulo consagrado ao asfalto, no qual se comenta também o pez asfáltico e a nafta, cf. Dioscórides (1998) Liv. I, Cap. 73, 177-178.

[7] Amato Lusitano (1553) 87. As traduções de excertos da obras latinas de Amato Lusitano, bem como de Rodrigo de Castro, que integram este artigo, são da nossa autoria.

[8] *Idem, ibidem*, 87-88.

Esta longa citação de Amato Lusitano justifica-se por permitir verificar que a "múmia" de que falavam os autores árabes, a *Arabum mumia*, compreendia de facto três substâncias distintas.

A melhor "múmia" (em latim, *nobilior mumia illa*) era, assim, um preparo feito com especiarias de alto valor, bálsamo, aloés, mirra e açafrão, apenas acessível aos mais abastados, mais raro e mais difícil de obter, pelas razões apontadas. Embora Amato Lusitano não o diga expressamente, as suas palavras permitem concluir que tal preparo, só depois de jazer por longo tempo nas sepulturas, adquiria as propriedades medicinais que os seus elementos constituintes, por si mesmos, não possuíam.

Confirmam esta suposição as palavras de um outro comentador de Dioscórides, Andrés de Laguna, que deixou registado o seguinte:

> *Embalsamauanse antiguamente los cuerpos muertos de los principes e señalados uarones en Syria, com aloe, açafran, myrra y balsamo: la qual costubre permanece aun oy dia: empero los de los pobres y populares, con Pissasphalto, del qual conficionado en el uientre defuncto, com el liquor de la carne humana, se hazia y haze la mumia, que tan ordinariamente aplican los medicos Arabes, à diuersas enfermidades. Y dado que de aquella confection de balsamo y myrra, com la qual se conseruan incorruptos los cuerpos de los grandes señores, se haga una mumia muy mas perfecta, que la que consta del Pissasphalto, es toda uia de creer, que la tal jamas no uiene à nosotros: pues ni se uenden, ni se pueden tan facilmente robar, los cuerpos embalsamados de personas grandes, y poderosas, como los de otros hombres uulgares. Por donde me persuado, que la mumia uerdadera, y legitima, de los Arabes, no diffiere del Pissasphalto, sino en hauer sido inficionada de los humores del cuerpo humano [...]*[9].

Tal como Andrés de Laguna neste passo, Amato Lusitano, na esteira de Serapião, entendia por "múmia" o pez asfáltico, "tanto o natural como o artificial", o "pez asfáltico verdadeiro e natural, ou extraído dos cadáveres", visto que os Mouros preparavam os seus mortos "de preferência com asfalto a que fora acrescentado pez, sobretudo quando não tinham pez asfáltico natural, isto é, a múmia deles". Contrariamente à primeira, esta "múmia" podia ser mais facilmente obtida "a partir dos cadáveres dos homens da mais baixa condição".

Por outro lado, Estrabão tinha declarado "que os Mouros embalsamavam os seus mortos com asfalto, isto é, apenas com betume judaico", pelo que muitos viam nesta substância a *Arabum mumia*, opinião de que Amato Lusitano não partilha, como já deixara escrito na *enarratio* 89, do livro I, consagrada ao asfalto. Com efeito, aí declarava que:

[9] Laguna (1563) 59-60.

> *Outrora, por conseguinte, os homens da Síria, tal como os Egípcios e os Judeus da mais baixa condição, utilizavam esse betume para a conservação dos cadáveres, em lugar de substâncias preciosas, a saber: bálsamo, mirra, aloés e açafrão, das quais careciam, como facilmente se depreende de Estrabão, no livro XVI. Também por esta causa, alguns dos mais recentes pensaram que este betume é a múmia dos Árabes. Contudo, em minha opinião, a múmia dos Mouros não é o asfalto de Dioscórides, mas antes o pez asfáltico, como nós demonstramos no capítulo seguinte. Tem, na verdade, este betume judaico o odor de pez, como Avicena deixou escrito e a própria experiência atesta*[10].

Por "múmia" entendiam-se, finalmente, os próprios corpos embalsamados, sobre cujo comércio as palavras de Amato Lusitano não deixam dúvidas: traficavam-se, de facto, restos humanos "as pernas, os braços, as cabeças, até mesmo corpos inteiros" e tal tráfico, promovido pelos "traficantes das boticas, ambiciosos em extremo e ávidos de lucro [...] sem qualquer réstia de vergonha" era, aos olhos de Amato Lusitano, merecedor das mais severas penas, porque atentatório tanto da dignidade humana como da divina.

Estas mesmas informações constam, de forma clara e sintética, na seguinte nota, escrita na margem do texto: *Corpora mortuorum pro mumia usurpata. Hominum auaritia quo impudendiae peruenerit*[11] (ou seja, "Os corpos dos mortos utilizados em lugar da múmia. A que despudor terá chegado a avareza dos homens!").

Infame aos olhos de muitos, o comércio destes restos humanos continuou e prosperou, acabando por suplantar o daquelas substâncias, umas mais preciosas do que as outras, que Amato Lusitano enumerou. As causas que a tal conduziram são complexas, mas podemos tomar como base as informações veiculadas por D. Fernando de Almeida, ao explicar, na sequência do texto acima transcrito, que: "A boa conservação das múmias, consideradas eternas, levou a pensar, na Idade Média, que se era devida à utilização de certos produtos quem ingerisse pós obtidos de partes das múmias teria também vida eterna. As boticas forneceram tais pós até ao séc. XVIII"[12]. A evolução semântica da palavra "múmia", de que resultou o significado que é hoje do conhecimento geral, confirma este uso[13]. Tal como explica Bess Lovejoy: "By the twelfth century, mummy began to refer

[10] Amato Lusitano (1553) 87.

[11] *Idem, ibidem*.

[12] Almeida (1972) 1543.

[13] A palavra *mumia* teria, pois, começado por designar uma substância preservante (uma mistura de bálsamo, aloés, mirra e açafrão ou o simples pez asfáltico) passando, depois, a designar o corpo preservado, exactamente ao contrário do que afirma Alfredo Rasteiro: "Durante o século XVI a designação múmia passou do cadáver para o que lhe metiam dentro, do continente para o conteúdo, dos restos humanos preservados para os preservantes", cf. Rasteiro (2000)15.

more to the corpse and less to the pitch used to preserve it, until it lost its earlier association entirely"[14].

Sepultadas desde tempos imemoriais, as múmias egípcias eram exumadas, de um modo geral, num admirável estado de conservação, de expressão serena, como que dormindo o sono da eternidade. Por outro lado, para a generalidade da população da Europa Ocidental, profundamente cristianizada, o Antigo Egito fora a terra dos Faraós, terra de cativeiro do Povo Eleito, uma lembrança sempre presente, evocada, a cada ano, numa das leituras sagradas das cerimónias pascais[15]. Tinha sido a terra de refúgio de Abraão[16], em tempos de escassez de pastagens para os rebanhos e de alimentos para a sua gente, tal como foi, muitos séculos mais tarde, a terra de acolhimento para a Sagrada Família[17], em fuga das sevícias de Herodes, o Grande. Ingerir ou aplicar um medicamento em cuja composição entrassem partículas de múmias egípcias assumia um valor que transcendia a própria medicina, algo que, ao assegurar uma íntima ligação ao passado bíblico, vinha situar-se entre a religião e a superstição: uma garantia de cura para os males do corpo.

Aproximadamente dois séculos depois da publicação das *Enarrationes* de Amato Lusitano, mantinha-se inalterado o triplo sentido atribuído à palavra "múmia". Com efeito, em Inglaterra, o Dr. Robert James, na sua *Pharmacopaea Vniuersalis: or a new universal English Dispensatory*, publicada em 1747, regista o seguinte:

> *Officinal Simples, taken from the human Carcase, are the Mummy, which is a resinous, harden'd, black shining Surface, of a somewhat acrid and bitterish Taste, and of a fragrant Smell. Under the Name of Mummy are comprehended, first, the Mummy of the Arabians, which is a Liquament, or concreted Liquor, obtain'd in Sepulchres, by exudation from Carcases embalm'd whith Aloes, Myrrh, and Balsam. If this Mummy could be procured right and genuine, it would be preferable to the other Sorts. The second Kind of Mummy is the Egyptian, which is a Liquament of Carcases, season'd with Pissasphaltus. A third Substance, which goes by the Name of Mummy is a Carcase torrified under the Sand, by the Heat of the Sun: but such a one is seldom to be met with in our Country. [...] Mummy resolves coagulated Blood, and is said to be effectual in purging the head, againt pungente Pains of the Spleen, a Cough, inflation of the Body, Obstructions of the Menses, and other uterine Affections: Outwardly, it is of Service for consolidating Wounds*[18].

Sobre os usos medicinais da *Arabum mumia*, já Amato Lusitano registara o seguinte, na última parte da já referida *enarratio* 90, do livro I:

[14] *Lovejoy* (2016).
[15] Trata-se da terceira leitura da Vigília Pascal, Ex. 14, 15-15,1.
[16] Cf. Gn. 12, 10-20.
[17] Cf. Mt. 2, 13-23.
[18] James (1747) 512-513.

> *De resto, a múmia [...] tem as qualidades do asfalto e do pez, a qual é quente em segundo grau, estíptica e desagregadora. É útil para as disrupções nascidas da pituíta. Auxilia fraturas, ruturas, chagas, até quedas feitas do alto*[19]*. É eficaz na epilepsia e na vertigem; bebida em peso de meia dracma com vinho, provoca belamente a menstruação, resiste a toda a corrupção e putrefação, principalmente em tempo de peste. É assaz proveitosa para as úlceras e quaisquer obstruções e é contrária aos venenos: remove o requebro frio e húmido do corpo inteiro, cujo proveito é obtido por si e sem mezinha associada, ou liga-se ela própria ao enxofre vivo, ou ao mástique e bebe-se com uma colher comum de água ardente. Trata-se com a mesma a febre quartã, se for ministrada numa bebida, antes do acesso do paroxismo*[20].

Resta agora, para concluir os objetivos deste artigo, verificar as ocorrências da palavra *mumia* em Rodrigo de Castro. Ora este vocábulo está atestado apenas na segunda parte do tratado ginecológico, intitulada *De uniuersa muliebrium morborum medicina (Pars secunda, siue Praxis)*, registando-se um total de seis ocorrências: quatro no livro I e duas no livro II.

Vejamo-las, agora, uma a uma.

As primeiras três ocorrências encontram-se no capítulo V, "Sobre o fluxo excessivo da menstruação" (*De immodico menstruorum fluxu*). Primeiramente ocorre na receita de um linimento (*linimentum*, um medicamento líquido, a utilizar em emplastro), precedido das seguintes palavras: "[...] *uel iisdem partibus applicetur emplastrum contra rupturam, aut hoc aliud, quod mirifice sistit omnem fluxum non solum uteri, sed etiam sanguinis per nares, ex pectore, uentriculo aut aliis partibus* [...]"[21], (isto é, "[...] ou aplique-se um emplastro a estas partes contra a rutura, ou este outro, que admiravelmente sustém todo o fluxo, não só do útero, mas também do sangue pelas narinas, do peito, do estômago ou de outras partes [...]").

Seguidamente, ocorre num catálogo de simples que sustêm o sangue, precedido do seguinte parágrafo:

Catalogum eorum quae sanguinem sistunt.

> *Erit tamen operae pretium pauca quaedam adiicere, ut sit tyronibus catalogus omnium fere medicamentorum, quae sanguinem sistunt. Ea uero in genere aut simplicia sunt aut composita, et rursus aut intus assumuntur et sunt potanda deuorandaque, aut exterius applicantur [...] aut sinui muliebri induntur, ut pessi et uterini clysteres*[22].

[19] A única utilização de múmia registada por Amato Lusitano nas *Centúrias de Curas Medicinais* (centúria VI, cura 9) ocorre precisamente no tratamento de um menino que caíra de uma janela: "Depois de envolvido com o pano embebido do referido vinho, bebeu a poção de *munia* [por *mumia*, nota do tradutor] descrita por Mesué, transpirou e sentiu-se melhor", cf. Amato Lusitano (2010) 215.

[20] Amato Lusitano (1553) 88-89.

[21] Castro (1628) Parte 2, Liv. I, Cap. 5, p. 45.

[22] Castro (1628) Parte 2, Liv. I, Cap. 5, 47.

Catálogo das substâncias que sustêm o sangue.

> *Contudo, valerá a pena acrescentar algumas poucas palavras, para que os principiantes tenham um catálogo de quase todos os medicamentos que sustêm o sangue. Estes na verdade são, em género, ou simples ou compostos e, por outro lado, ou se tomam interiormente e devem ser bebidos ou ingeridos, ou se aplicam exteriormente [...] ou são inseridos na cavidade feminil, como as mexas e os clisteres uterinos.*

A terceira e última ocorrência, neste capítulo V "Sobre o fluxo excessivo da menstruação", ocorre novamente na receita de um emplastro[23]. Neste capítulo temos, por conseguinte, a utilização de múmia na receita de dois emplastros (uso externo).

A quarta ocorrência encontra-se no capítulo XV, "Sobre a gonorreia" (*De Gonorrhaea*), numa receita de pílulas (uso interno, portanto):

Pilulae.

> *Pilulae insuper probatissimae in hunc modum parantur: gummi arabici, tragacanti, Karabes, mumiae, boli armeni, mandibulae lucii piscis ana semi-drachmam, in puluerem subtilem redigantur, et cum sirupo myrthino uel de rosis siccis fiant pilulae singulae ponderantes scripulum unum, capiat prima uice tres, deinde singulis diebus unam*[24].

Pílulas.

> *Além disso, preparam-se do seguinte modo umas pílulas excelentes: de goma arábica, de tragacanto, de alambre, de múmia, de terra arménia, de mandíbula de peixe lúcio: meia dracma de cada, reduzam-se a um pó fino e, com xarope de murta ou de rosas secas, façam-se pílulas pesando, cada uma, um escrópulo. Na primeira vez, tome três e, depois, uma a cada dia.*

Uma quinta ocorrência encontra-se, já no livro II, no capítulo VIII, "Sobre as várias dores do útero" (*De uariis uteri doloribus*), na receita de um *Ladanum opiatum* (ou seja, um "Láudano opiáceo"), medicamento passível de prescrição apenas em casos de muita gravidade, quando todos os outros métodos de cura falharam.

[23] Castro (1628) Parte 2, Liv. I, Cap. 15, 51.
[24] Castro (1628) Parte 2, Liv. I, Cap. 15, 104.

Narcotica.

Quarto et ultimo reliquis non proficientibus ad narcotica ueniendum, quae sunt medicamenta stupefacientia, et quamquam rebellem in corpore frigiditatem interdum relinquant; tamen si patienti ex immani, ac intolerabili dolore, uirium dissolutio, syncope, et mortis periculum immineat, eligimus potius laesionem ipsam, quam mortem [...].

Ladanum opiatum.

Chymici conficiunt ladanum, quod uocant, opiatum; alii pilulas Nicolai contra fluxum, pilularum dosis est scripulum unum, ladani semiscripulum ac sic paratur [...][25].

Narcóticos.

Em quarto e último lugar, quando os restantes não aproveitam, deve chegar-se aos narcóticos, que são medicamentos estupefacientes e, embora deixem, no corpo, algumas vezes, uma frieza rebelde, no entanto, se, em resultado de uma dor horrível e intolerável, a falta de forças, o desmaio e o perigo de morte ameaçarem a paciente, preferimos o próprio malefício à morte [...].

Láudano opiáceo.

Os químicos preparam um láudano a que chamam opiáceo; outros, pílulas de Nicolau contra o fluxo, a dose das pílulas é um escrópulo, do láudano é meio escrópulo e prepara-se do seguinte modo [...].

Um láudano ou pílulas, uso interno, portanto.

Finalmente, a *Arabum mumia* ocorre uma última vez no capítulo XXIX, "Sobre as úlceras do útero" (*De uteri ulceribus*), na receita de uma ablução.

Vlceris ablutio.

Nam dum haec [malignitas, crassior sordes] perseuerant, ulcus abluere, antequam medicamenta applicentur, singulis curationibus necesse est, ac si [...] fistulosum iis, quae

[25] Castro (1628) Parte 2, Liv. II, Cap. 8, 239-240.

capite de fistula reperies, aut certe cum uino adstringente, uel ex decoctione myrthi, thuris, nucum, cupressi, mumiae, myrrhae[26].

Ablução da úlcera.

Pois, enquanto estas [malignidade, imundície mais grossa] perseveram, é necessário lavar a úlcera, antes que se apliquem os medicamentos, em cada uma das curas, e se [...] for fistulosa, com estes, que encontrarás no capítulo sobre a fístula, ou pelo menos com vinho adstringente, ou a partir de uma decocção de murta, de incenso, de nozes, de cipreste, de múmia, de mirra.

Um medicamento de aplicação interna, portanto.

Em suma: dois emplastros contra o fluxo excessivo da menstruação (Amato Lusitano dissera que "provoca belamente a menstruação", pelo que a *Arabum mumia* era, afinal, um regulador do fluxo menstrual...); dois géneros de pílula, um para a gonorreia, outro para as dores do útero (podendo, neste caso, ser ingerida sob a forma de láudano); finalmente, uma ablução para as úlceras fistulosas do útero.

À medida que as reservas dos dois primeiros tipos de *mumia* (preparados feitos com bálsamo, aloés, mirra e açafrão ou simples pez asfáltico, natural ou artificial, provenientes uns e outros de antigas sepulturas) se foram esgotando (tratava-se, afinal, de reservas finitas não renováveis) concomitantemente com o aumento da procura, foi-se generalizando o hábito de utilizar o que hoje compreendemos pelo nome de "múmia", os restos mortais dos antigos habitantes do vale do Nilo. Tal prática, que encontramos, posto que asperamente repreendida, nas palavras de Amato Lusitano, ter-se-á generalizado pelo final da Idade Média[27] e seria corrente na época de Rodrigo de Castro, tendo continuado até aos sécs. XVIII/ XIX.

Como comércio altamente rendoso que era, cedo se desenvolveu o tráfico de "mercadoria contrafeita", isto é, de restos humanos recentes, preparados de modo a simular os efeitos das mumificações praticadas no Antigo Egito. A palavra "múmia", explica Bess Lovejoy[28], também podia designar os corpos preservados por ação das tempestades de areia no Norte de África e cadáveres inteiros, frequentemente de criminosos sentenciados à pena capital, que eram conservados segundo o processo descrito por Paracelso, o qual envolvia dias de tratamento com ervas, antes de pendurar a carne no exterior, para secar. Daqui resultava um produto parecido com a carne curada. Corpos de criminosos executados e até

[26] Castro (1628) Parte 2, Liv. II, Cap. 29, 332.

[27] Cf. Lovejoy (2016): "European demand for mummy grew significantly in the fifteenth century, when merchants began plundering Egyptan tombs and bringing the results back to the apothecaries of Europe".

[28] Lovejoy (2016).

cadáveres furtados das suas recentes sepulturas eram devidamente preparados e vendidos, depois, em lugar do produto genuíno.

Também Andrés de Laguna dá conta do comércio infame de resíduos mortuários provenientes de simples sentenciados à forca no seguinte passo:

> *[...] y ansi son dignos de grande reprehension, los que administran la carne momia en lugar del Asphalto, dandonos à beuer ciertos çarcarrones caydos de algunas horcas, para fortificarnos. Porque como puede confortar, ò preservar de daño, y de corrupcion, lo que conseruarse a si mismo no pudo? Empero caymos en tales tempos, que los que biuos no ualieron, ni aun el cabestro, com que los ahorcaron, antes merecieron ser echados del mundo, como inutiles y perniciosos à la Republica, muertos nos los uenden à peso de oro: que à peso de oro? Digo à costa de nuestras uidas*[29].

Ao minar a confiança dos consumidores, tanto médicos como pacientes, este será um dos fatores justificativos do abandono deste simples.

Por outro lado, temos o desenvolvimento das ciências operado no séc. XIX: da medicina, por um lado; da arqueologia e da egiptologia, por outro. No caso destas, registem-se os avanços operados durante a Campanha Napoleónica na Síria e no Egito (de 1 de julho de 1798 a 2 de setembro de 1801), de que resultou a recuperação da Pedra de Roseta, chave da decifração de inumeráveis inscrições, em escritas hieroglífica, hierática e demótica, emudecidas havia quase dois milénios. Em lugar de corpos anónimos procedentes de tempos bíblicos, as múmias, agora, tinham um nome e uma identidade.

Sintomática desta mudança de atitude é a história do chamado "castanho de múmia"[30], um pigmento cujo uso coincide, em termos cronológicos, com a generalização do uso medicinal de pó de múmia. Este pigmento, obtido pela redução a pó de múmias egípcias, foi largamente utilizado, na melhor pintura europeia, do Renascimento em diante. A sua tonalidade não era uniforme, porquanto a composição das múmias não era sempre a mesma. Tinha os inconvenientes de, por ter na sua composição alguma gordura e amónia, interferir com outros pigmentos, modificando-os, podia alterar-se em resultado da sua exposição à luz e tendia a formar o chamado *craquelê*. Por outro lado, prestava-se a velaturas e sombras magníficas e era muito utilizado no sombreado das carnações[31]. Disponível nos melhores fornecedores, nem todos estavam conscientes da sua composição. Assim, o pré-rafaelita inglês Edward Burne-Jones, quando tomou consciência de que estava a aplicar, nas suas telas, pó de veneráveis restos humanos, procedeu ao

[29] Laguna (1563) 60.

[30] Lovejoy (2016), Cohut (2020), Eveleth (2014).

[31] Torres (2013).

funeral da sua bisnaga de "castanho de múmia", sepultando-a no seu jardim[32]. Não tornaria a utilizar este pigmento. A produção de "castanho de múmia" apenas foi descontinuada em 1964[33].

Hoje, a palavra "múmia" é evocativa de antigas civilizações e de galerias de museu, ou então de cinema de entretenimento e de banda desenhada e remete sempre para o mesmo significado. O seu uso em medicina está, há muito, completamente proscrito, a ponto de nos parecer hoje inverosímil ou, então, uma estranha realidade do passado, a oscilar entre o bizarro e o macabro. Para as questões inicialmente formuladas, pode agora propor-se a seguinte resposta: a palavra latina *mumia*, em textos de medicina pré-modernos, deverá ser traduzida por "múmia", acrescentando-se, em nota, uma breve explicação.

Propõe-se, como texto desta nota explicativa, o seguinte: "Vocábulo de origem persa, com o significado inicial de "cera", a palavra "múmia" designa, em textos de medicina pré-modernos, três substâncias distintas, todas relacionadas, de uma maneira ou de outra, com o culto dos mortos: 1) um preparado feito de bálsamo, mirra, aloés e açafrão, utilizado como preservante em sepulturas antigas do Próximo Oriente; 2) o pez asfáltico, tanto o natural como o artificial, especialmente se, como o anterior, tiver sido recuperado de antigas sepulturas; 3) os corpos mumificados dos habitantes do Antigo Egito".

Bibliografia

Almeida, F. (1972). "Múmia": *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 13 (1972). Lisboa, Verbo, 1543-1544.

Amato Lusitano (1553). *In Dioscoridis Anazarbei De Medica Materia Libros Quinque Enarrationes Eruditissimae*. Veneza.

Amato Lusitano (2010). *Centúrias de Curas Medicinais, Volume II* (prefácio e tradução: F. Crespo). Lisboa, Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos.

Castro, R. (1628). *Roderici a Castro Lusitani, Philosophiae ac Medicinae Doctoris, per Europam notissimi, De uniuersa muliebrium morborum medicina (Pars secunda, siue Praxis)*. Hamburgo, Johann Froben.

Cohut, M. (2020). "'mumia': The strange history of human remains... as medicine": *Medical News Today* September 14 (2020). Retrieved from: https://www.medicalnewstoday.com/articles/mumia-the-strange-history-of-human-remains-as-medicine.

Dioscórides (1998). *Plantas y Remedios Medicinales (De Materia Medica) Libros I-III* (introducción, traducción y notas de Manuela García Valdés). Madrid, Gredos.

[32] Eveleth (2014).

[33] *Idem, ibidem*.

Everleth, R. (2014). "Ground up mummies were once an ingredient in paint": *Smithsonian Magazine* April 2 (2014). Retrieved from: https://www.smithsonianmag.com/smart-news/ground-mummies-were-once-ingredient-paint-180950350/?no-ist.

James, R. (1747). *Pharmacopaea Vniuersalis: or a new universal English Dispensatory*. London, Printed for J. Hodges, at the Looking-Glass, over-against St. Magnus's Church, London Bridge, and J. Wood, under the Piazza of the Royal Exchange.

Laguna, A. (1563). *Pedacio Dioscorides Anazarbeo, Acerca de la Materia Medicinal, y de los Venenos Mortiferos, Traduzido de lengua Griega, en la vulgar Castellana, & illustrado con claras y substantiales annotationes, y con las figuras de innumeras plantas exquisitas y raras.* Salamanca, Mathias Gast.

Lovejoy, B. (2016). "A Brief History of Medical Cannibalism — Curing what ails us with mummy, blood jam, and human fat": *Roundtable* November 7 (2016). Retrieved from: https://www.laphamsquarterly.org/roundtable/brief-history-medical-cannibalism.

Machado, J. P. (2003). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Tomo IV*. Lisboa, Livros Horizonte.

Paré, A. (1582). *Discours D'Ambroise Paré, Conseiller, et Premier Chirurgien du Roy. Asçauoir, De la mumie, De la licorne, Des venins, De la peste, avec une table des plus notables matières contenues esdits discours*. Paris, Chez Gabriel Buon, au clos Bruneau, à l'enseigne S. Claude.

Pereira, B. (1741). *Prosodia in Vocabularium Bilingue, Latinum et Lusitanum Digesta, in qua dictionum significatio, et syllabarum quantitas expenditur.* Évora, Typographia Academiae.

Rasteiro, A. (2000). "Quatro Elementos, Reacção Hipocrática, Amato Lusi-tano e "o Múmia"": *Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Séc. XXI. Cadernos de Cultura* 14 (2000) 14-20.

Torres, L. (2013). "A Pigment from the Dephts": *Harvard Art Museums*: October 31 (2013). Retrieved from: https://harvardartmuseums.org/article/a-pigment-from-the-depths.